

Direitos humanos para os excluídos

Seminário mostra que falta de ética levou às guerras e à violência. E que a tecnologia aumentou a desigualdade entre os homens

Carlos de Lannoy
Da equipe do **Correio**

Nas tribos indígenas não há necessidade de se discutir direitos humanos. Desde o cacique ao índio menor todos conhecem suas obrigações e direitos. É intrínseco, inerente, natural. Na aldeia não existe tortura e a comida, se não for roubada por um branco, é repartida para que ninguém passe fome. Em resumo: há igualdade entre eles.

O governador Cristovam Buarque lembrou a convivência harmoniosa das comunidades indígenas para fazer uma pergunta, que ele próprio considerou uma provocação, na abertura do I Seminário Internacional de Direitos Humanos, no Centro de Convenções. "Onde é que nós erramos para precisar discutir direitos humanos?"

A resposta para o governador veio em seguida. O prêmio Nobel da Paz do ano passado, José Ramos Horta, o presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, Ernando Uchoa Lima, e o ministro da Justiça, Iris Rezende, apresentaram alguns dados na abertura do debate, ontem à noite, que demonstram a necessidade urgente de se discutir o problema.

REFUGIADOS

Em todo o mundo, 26 milhões de pessoas vivem refugiadas, lembrou Ramos Horta. Outras quatro milhões perderam a vida nos 30 conflitos políticos ou militares que surgiram ou ainda persistem depois da queda do Muro de Berlim, em 1989.

Ernando Uchoa afirmou que

dois terços da humanidade, ou quatro milhões de pessoas, são governados por regimes totalitários ou "democracias de fachada". Deu como exemplo a Argélia, que há poucos dias foi palco de "um quadro lúgubre e horrífico que o próprio Dante não seria capaz de descrever". Mais de 300 pessoas foram mortas, degoladas e queimadas nesse país africano.

Finalmente, o ministro da Justiça reconheceu que as 53 prisões que estão sendo construídas no país e as outras 52, que não passam de projeto, serão insuficientes para resolver a superlotação carcerária, um "problema de inquestionável magnitude" no Brasil.

Para o seminário que começa hoje de fato, com exposições e conferências a partir das 8h, as perguntas do governador Cristovam dão uma dimensão do que será o debate: "O que é direitos humanos numa sociedade em mutação, onde a uns se dá poder sobre-humano e a outros nenhum?"

E foi além. Afirmou que não é suficiente tratar bem os presos e acabar com a tortura. "Direitos humanos não é mais não ser torturado ou viver com dignidade: esse é um direito intrínseco", disse Cristovam. "Será que não estamos ferindo os direitos humanos enquanto tivermos uma só criança fora da escola?", voltou a perguntar.

PROVOCAÇÃO

O governador disse "que não poderia deixar de provocar" os participantes do seminário com a seguinte afirmação: "Um dos erros da nossa sociedade é que o símbolo do progresso fosse o

Edson Gês



Cristovam, na abertura do seminário, disse que "direitos humanos não é mais não ser torturado ou viver com dignidade: esse é um direito intrínseco"

avanço técnico e não a consciência ética".

Ramos Horta concordou. Na sua opinião, desde o tempo dos ousados navegantes portugueses, no século XV, até as viagens espaciais norte-americanas, na década de 60, houve um "extraordinário avanço" científico e das comunicações.

"O maior salto em termos científicos foi registrado neste século", afirmou o Prêmio Nobel. "Mas o século testemunhou também as maiores barbáries da história. Mais de cem milhões de pessoas morreram em conflitos armados e 170 milhões pela violência política".

O tema central do seminário é a exclusão social. Diferente das co-

munidades indígenas, afirmou o governador, as sociedades civilizadas tendem a criar um grupo de pessoas à margem, "que deixarão de ser tratadas como seres humanos".

O seminário continuará até a próxima quarta-feira com a presença do ex-presidente de Portugal, Mario Soares, do prêmio Nobel da Paz de 1980, o argentino Al-

fonso Pérez Esquivel e de outros intelectuais brasileiros e estrangeiros. Entretanto, o bispo timorense Carlos Ximenes Belo, que dividiu o prêmio Nobel com Ramos Horta, cancelou a participação.

Hoje serão debatidos temas como a questão indígena, a violência no campo, bioética e os direitos das crianças e mulheres.